

FALA, MEMÓRIA¹

Hélio José Guilhardi

O artigo de Oliver Sacks tem altos e baixos. Pode ser lido na íntegra, mas não é essencial fazê-lo. Interessou-me o trecho transcrito abaixo.

A dificuldade – às vezes, impossibilidade – de a pessoa saber se determinado evento ocorreu de fato ou se é fictício e as correlações neurofisiológicas dessa memória, as quais mostram que “memórias vívidas produzem ativação ampla no cérebro, envolvendo áreas sensoriais, emocionais (límbicas) e executivas (lobo frontal) – padrão que é *virtualmente idêntico, quer a ‘memória’ seja baseada numa experiência, quer não*” [grifo acrescentado] – não deveriam nos causar surpresa à luz do que sabemos sobre comportamento verbal.

Em primeiro lugar, o comportamento verbal é uma *possibilidade* do ser humano e não uma propriedade que lhe é *essencial*. (Respirar é essencial, por exemplo.) O comportamento verbal se desenvolveu tardiamente na evolução do ser humano (fala-se em 30 mil anos, dentro de um processo evolutivo de cerca de 300 mil anos). Como tal, o organismo humano sobreviveu e foi selecionado sem apresentar comportamento verbal. Pode-se hipotetizar, portanto, que nosso cérebro aprendeu a responder e a reter informações originadas no ambiente físico, mas não a determinados eventos que surgiram mais tarde, como é o caso de padrões comportamentais sociais, tais como a fala. Deixando mais claro: os mecanismos fisiológicos do cérebro respondem ao ambiente socioverbal (àquilo que alguém diz – verdadeiro ou não), da mesma maneira que responde ao ambiente físico que o atinge e provoca alguma reação (estímulo ambiental): se a pessoa apanhou do pai na infância (supostamente um episódio interacional real) ou lhe disseram que apanhou do pai na infância (supostamente um episódio falso), o cérebro responderá aos dois eventos ambientais (surra do pai ou comportamento verbal narrativo de alguém) como aquilo que são: eventos ambientais, não tendo habilitação para detectar se o conteúdo do episódio verbal é real ou não. É um dos grandes limites do comportamento verbal... O organismo humano responde a eventos ambientais que estavam presentes durante seu desenvolvimento evolucionário e em relação aos quais era importante responder diferencialmente (se assim não fosse, o organismo não seria selecionado; não sobreviveria!). Daí sermos dotados de órgãos sensoriais que nos permitem responder a som, luzes, calor, frio etc. Radiação atômica não faz parte do ambiente em que o organismo humano foi selecionado. Como tal, não dispomos de nenhum órgão sensorial que nos permita reagir diferencialmente à presença de radiações nucleares. Pretendo, com esta observação, estabelecer uma equivalência em relação ao papel do comportamento verbal na vida do homem verbal.

Segue trecho do artigo citado:

¹ O título faz referência ao artigo de Oliver Sacks, publicado no jornal Folha de S.Paulo, 26/05/2013, caderno Ilustríssima, p.4.

A psicóloga e pesquisadora da memória Elizabeth Loftus documentou um sucesso inquietante na implantação de memórias falsas através da mera sugestão feita a um sujeito de que ele teria passado por um acontecimento fictício.

Esses pseudoeventos, inventados por psicólogos, podem variar desde incidentes cômicos ou incômodos leves (de que uma pessoa se perdeu num shopping quando criança, por exemplo) até incidentes mais graves (que alguém foi vítima de um ataque grave de um animal ou de uma agressão grave por outra criança).

Depois do ceticismo inicial (“Nunca me perdi num shopping”) e, em seguida, da incerteza, o sujeito pode passar a nutrir uma convicção tão profunda que continuará a insistir sobre a veracidade da memória implantada, mesmo após o autor do experimento revelar que o incidente nunca aconteceu.

O que fica claro em todos esses casos – quer se trate de abusos imaginados ou reais na infância, de memórias genuínas ou experimentalmente implantadas, de testemunhas induzidas ao engano ou de prisioneiros submetidos a lavagem cerebral, de plágio inconsciente ou das memórias falsas que todos nós provavelmente temos, baseadas em confusão quanto às fontes ou em atribuição equivocada –, na ausência de confirmação externa, não existe uma maneira fácil de distinguir uma memória ou inspiração genuína, sentida como tal, daquelas que foram apropriadas ou sugeridas; de distinguir entre o que o psicanalista Donald Spence descreve como “verdade histórica” e “verdade narrativa”.

Mesmo que seja exposto o mecanismo subjacente a uma memória falsa [...], isso pode não modificar a sensação de uma experiência vivida de fato ou a realidade que tais recordações possuem.

Tampouco as contradições óbvias ou o caráter absurdo de determinadas memórias pode modificar o sentimento de convicção e de crença nelas. Na maioria dos casos, pessoas que afirmam terem sido abduzidas por extraterrestres não mentem quando contam como foram levadas até naves espaciais de alienígenas, não mais do que mentem quando têm consciência de terem inventado uma história: algumas creem genuinamente que foi isso o que aconteceu.

Uma vez construída tal narrativa ou memória, acompanhada de imagens sensoriais vívidas e de emoção forte, pode não haver jeito psicológico, interno, nem externo, neurológico, de distinguir o que é verdadeiro do que é falso.

As correlações fisiológicas dessa memória podem ser examinadas com neuroimagem funcional, e as imagens mostram que memórias vívidas produzem ativação ampla no cérebro, envolvendo áreas sensoriais, emocionais (límbicas), e executivas (lobo frontal) – padrão que é virtualmente idêntico, quer a “memória” seja baseada numa experiência, quer não.

Parece que não existe, nem na mente nem no cérebro, nenhum mecanismo para garantir a verdade de nossas recordações, ou pelo menos o caráter verídico delas. Não temos acesso direto à verdade histórica, e aquilo que sentimos ou afirmamos como sendo verdadeiro (como Hellen Keller estava em ótima posição para observar) depende tanto de nossa imaginação quanto de nossos sentidos.